

Içar velas, livros a bordo!  
A circulação de livreiros entre  
França, Portugal e Brasil  
(séculos XVIII e XIX)

Hoist sails, books on board!  
The circulation of  
booksellers between  
France, Portugal and Brazil  
(19th and 20th centuries)

¡Izar velas, libros a bordo!  
La circulación de libreros  
entre Francia, Portugal y  
Brasil (siglos XVIII y XIX)

**Wagner de Carvalho<sup>1</sup>**



BOMPARD, Jean-Jacques. *Livreiros do Novo Mundo: de Briançon ao Rio de Janeiro*. Campinas: Editora UNICAMP; São Paulo: Editora Unesp e EDUSP, 2021. 246p.

Publicado originalmente na França em 2015, *Livreiros do Novo Mundo: de Briançon ao Rio de Janeiro* chegou ao Brasil em 2021, descortinando a trajetória de gerações de livreiros franceses oriundos de Briançon, localizada nos Altos Alpes franceses. Jean-Jacques Bompard, autor do livro, é descendente de uma das famílias mais antigas daquela comuna. Conservou, em sua casa, um vasto acervo sobre sua família, recheado de papéis e objetos referentes a um dos principais personagens de sua obra, o livreiro Jean-Baptiste Bompard, nascido em 1797. Tendo estabelecido contato com Lúcia Maria P. Bastos das Neves em 2008, ele se debruçou sobre arquivos de diferentes países, motivado a revelar a trajetória de seu antepassado.

Trata-se de um trabalho de fôlego no que se refere ao cotejamento de fontes. Ajudado por Lúcia Bastos ao longo do percurso, o autor pôde reunir centenas de documentos, muitos deles inéditos para a historiografia brasileira, oriundos de pelo menos sete arquivos. O vasto escopo documental autorizou o autor a adotar um recorte espacial amplo – França, Portugal, Rio de Janeiro –, sendo esse, talvez, um dos principais méritos do livro: há, ali, uma série de deslocamentos, transnacionais e transatlânticos que são muito bem explorados a partir das fontes recolhidas.

Sintonizado com as ambições da historiografia no que se refere à História Global, o autor acessou os documentos produzidos pelos deslocamentos desses livreiros, como passaportes, pedidos de envio de remessas de livros entre os países, livros de matrícula de estrangeiros produzidos pela Intendência Geral da Polícia, anúncios das chegadas de vapores estrangeiros nos grandes jornais etc. Porém, não encontramos, no livro, diálogos francos com estudos situados nos diferentes campos da História Global – diálogos que seriam oportunos ao enriquecimento das análises do autor.

A obra está dividida em 13 capítulos curtos e bem escritos. No capítulo um, Bompard procurou situar no tempo as famílias da comunidade de La Salle, da Alta Idade Média ao século XVIII. Desse modo, assinalam-se três pontos de partida centrais para o desenvolvimento do livro: a) os desafios geográficos impostos pela região dos Altos Alpes a seus habitantes; b) a criação de associações de ajuda mútua entre as famílias, que se tornaram redes de solidariedade centrais para a sobrevivência nos ramos do comércio; c) a educação como uma das

Wagner de Carvalho  
Içar velas, livros a bordo!  
A circulação de livreiros entre França,  
Portugal e Brasil (séculos XVIII e XIX)



prioridades da comunidade, assegurando formação em leitura, escrita e cálculo, outro fator fulcral para o sucesso de seus habitantes no comércio.

Os capítulos dois e três tratam do primeiro deslocamento desses comerciantes rumo a Lisboa. Era comum que fossem à Itália ou à Suíça para fazer comércio, uma vez que Briançon se localiza em uma região fronteiriça. Mas Portugal era uma novidade. O primeiro que se estabeleceu em Lisboa como livreiro foi Pierre Faure, que, em torno de si, formou uma dinastia de livreiros franceses. Segundo o autor, em 1750, eram 13 livreiros apenas em Lisboa. No capítulo 3, somos apresentados a Paul Martin, personagem importante para entender o posterior deslocamento desses livreiros para o Brasil. Nesse período precisaram lidar com a censura, exercida em Portugal pelo Santo Ofício e pelo Desembargo do Paço. A censura, que não interrompeu a circulação de livros proibidos, reforçou a importância das corporações dos livreiros que, coletivamente, sobreviviam às suas amarras.

Os capítulos quatro e cinco versam sobre os novos horizontes criados no Brasil para o comércio de impressos. Na década de 1790, o filho de Paul Martin, Paulo Martin, nascido em Portugal, se deslocou para a América Portuguesa para se estabelecer como livreiro, sob as ordens do pai, que, àquela altura, já era um livreiro bem estabelecido em Lisboa. Enviaram-se, ao Brasil, remessas e mais remessas de livros, a maioria deles de cunho religioso. O autor discute a vinda da família real para a colônia, o transporte da biblioteca real, bem como as transformações implementadas no mundo do impresso, e traça um amplo panorama das mudanças sofridas pelo Rio de Janeiro com a chegada do príncipe regente.

Na década de 1810, Paulo Martin se tornou o principal livreiro do Rio de Janeiro. Distribuía a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal impresso na América Portuguesa. O autor percorre os anúncios publicados na *Gazeta*, elencando tecnologias que iam chegando, como gravuras e estampas, vendidas na loja de Martin. Martin, aliás, é descrito, no livro, como nosso primeiro editor, ainda que essa informação possa ser controversa.<sup>2</sup>

Na sequência, o autor retorna à Briançon para nos apresentar Jean-Baptiste Bompard, que partiu de lá rumo a Lisboa em 1816, desembarcando posteriormente no Rio de Janeiro. Trata-se de descrição fundamentada toda nos documentos guardados pela família Bompard. Depois, de novo no Brasil, o autor foca nos anos de 1816-1818, e busca apresentar iniciativas mediadas por Dom João VI – a Missão Francesa, a criação do Banco do Brasil, a Missão Científica de Freycinet, a criação de companhias de seguro etc. – como



“evoluções” vividas pela colônia desde a chegada da corte. O capítulo tem no título “evoluções e incertezas” e, entre as incertezas discutidas, está a Revolução de 1817 em Pernambuco, que, no livro, é um pouco reduzida à sua ligação com o bonapartismo. Com exceção das companhias de seguro, que são discutidas a partir de algumas dissertações de mestrado, nos chama a atenção a ausência de diálogos do autor com a historiografia brasileira.

Um personagem interessante, protagonista dos diversos temas abordados nesse capítulo, é Paulo Martin, que merecia para si um livro inteiro. O livreiro foi acionista do Banco do Brasil, ajudando a montar um fundo contra a Revolução de 1817. Era um entusiasta das missões que chegavam ao Brasil, tornando-se acionista, em 1814, da recém fundada companhia de seguro *Providente*. Apesar do mapeamento interessante feito pelo autor, a chave de análise “evolução/ incertezas” utilizada no capítulo não é pertinente. Acaba, com isso, por reproduzir a ideia de que devemos às novidades europeias os “progressos do tempo”. Além disso, o capítulo reduz o capital político deixado pela Revolução de 1817, que serviu de escopo aos movimentos por liberdade e cidadania, ocorridos mais tarde.<sup>5</sup>

O capítulo oito nos leva de volta a Jean-Baptiste Bompard, em Portugal, se preparando para sua viagem ao Rio de Janeiro, onde deveria ajudar nos negócios de Paulo Martin. Acompanhamos a sua viagem de oito semanas pelo mar, desembocando no encontro com seus primos, em 1818. O capítulo nove faz avançar a narrativa, tendo em vista que o leitor é introduzido às novidades da Revolução Liberal do Porto; às atitudes de Dom João VI e do príncipe regente; ao fortalecimento das ideias de separação política e às mudanças ocorridas nos empreendimentos de Paulo Martin. No bojo do fim da censura e do aumento substancial de publicações, Martin passou a vender os jornais que instruíam sobre direitos e deveres da nova ordem constitucional. Num jogo de pesos e contrapesos, o livreiro acabou perdendo a exclusividade sobre a venda da *Gazeta do Rio de Janeiro*, que mantivera por 13 anos.

Mas o autor não se deteve em discutir os motivos da perda de exclusividade. No geral, esse é um problema em diversos dos capítulos: na apresentação de um levantamento minucioso feito a partir das fontes, o autor deixa de lado a análise e a reflexão sobre aspectos importantes do que foi apresentado. O que há nas entrelinhas das fontes acaba sendo ignorado, frustrando as expectativas do leitor em entender as faces simbólicas das disputas políticas, refletidas nas atividades comerciais dos livreiros. Isto é: quais eram as ideias de Paulo Martin sobre as luzes constitucionais? A venda de 40 documentos intitulados



“folhetos constitucionais” recém-chegados de Lisboa indica algo sobre isso? O que significava alterar o nome de sua livraria? A perda da exclusividade de publicação do órgão oficial da Coroa pode ter relação com sua afeição às novas ideias liberais?

Os capítulos 10, 11, 12 e 13 são dedicados a uma apresentação verticalizada da atuação de Jean-Baptiste, cuja chegada ao Rio de Janeiro foi apresentada no capítulo oito. Ficamos sabendo do falecimento de Martin, ao que se sabe devido às epidemias que ceifaram muitas vidas à época. Como herdeiro dos negócios do primo, Jean-Baptiste Bompard passou a exercer as atividades de livreiro em seu próprio nome. O capítulo 11 é um dos mais interessantes do livro. Tendo Jean-Baptiste assumido a livraria de Martin, logo entrou em contato com Pierre Plancher, livreiro que havia chegado ao Brasil em 1824, com quem estabeleceu vínculos de parceria. Aqui, somos apresentados a um catálogo de sua livraria, redigido de próprio punho e datado de 1825, localizado hoje na Fundação Biblioteca Nacional, onde estão listadas 4.300 obras, em mais de 340 páginas, que descortinam o que se vendia e o que se procurava na maior livraria da Corte àquela altura.

Jean-Baptiste Bompard voltou à França em 1828 e sua livraria foi vendida para Evaristo da Veiga, personagem bastante conhecido da historiografia brasileira. De volta a Briançon, o livreiro passou a ser conhecido como “brésilien”, apelido que diz muito sobre a dinâmica do regresso. Para finalizar o livro, acompanhamos o restante da vida de Jean-Baptiste, que viveu por mais 60 anos em Briançon.

O livro foi escrito por um “cidadão ilustrado”<sup>4</sup> com o compromisso de reconstituir “o percurso original desses oriundos de Briançon” (Bompard, 2021, p. 18), fato que acabou mais ressaltando os feitos e enaltecendo a memória daqueles *briançonnais*, do que produzindo uma reflexão histórica em torno desses sujeitos. Discussões pertinentes, como apontamos, são vez ou outras deixadas de lado. Mas isso, de maneira nenhuma, prejudica a importante contribuição do trabalho em recuperar “os caminhos interrompidos da memória”, haja visto que nos apresenta, na França, em Portugal e no Brasil, personagens desconhecidos da historiografia.

*Livreiros do Novo Mundo* abre uma porta para o século XIX. Para os historiadores, o livro apresenta um levantamento de fontes de qualidade, com uma série de informações inéditas. Esse feito é importante porque abre novos caminhos para a pesquisa em história. Já há pesquisas consolidadas sobre Pierre Plancher, chegado ao Brasil em 1824.<sup>5</sup> No entanto, os personagens de



Jean-Jacques Bompard são anteriores a ele, o que nos dá a oportunidade de observar a atuação desses livreiros no germe da venda de publicações impressas na América Portuguesa, em um período regido por normas diferentes de publicação, tal como apontou Marco Morel (Morel, 2009, p. 153-170).

Os personagens principais do livro são, sem dúvida, Paulo Martin e Jean-Baptiste. São diversos os livreiros mencionados pelo autor, mas são esses dois que conduzem a narrativa. As suas trajetórias se confundem, convivem juntos por algum tempo, mas cada qual ilumina o seu próprio caminho. Contudo, apesar da vasta documentação reunida sobre Jean-Baptiste, é Paulo Martin quem mais chama atenção ao longo do livro. É ele o fio condutor da narrativa, tendo capitaneado até mesmo a vinda de seu primo Bompard para o Brasil. Há sinais claros, ao longo do texto, de que Martin possuía ideias políticas bem delineadas. Talvez se visse como um liberal moderado? Ajudou a financiar a repressão à Revolução de 1817, mas tempos depois, com a repercussão da Revolução do Porto, vendeu entusiasmado uma série de publicações que provocavam a Coroa Portuguesa, chegando a perder com isso. Foi um homem que se envolveu a fundo com o território em que se estabeleceu, e merece um trabalho só para si.

O livro traz uma abordagem panorâmica sobre diversos assuntos consolidados na historiografia brasileira sobre as primeiras décadas do XIX, o que revela a preocupação com o público francês e, também, com os não iniciados na história do Brasil. No que diz respeito à historiografia francesa, o trabalho parece ser tributário dos estudos clássicos de Laurence Fontaine, que, no livro *Le voyage et la mémoire, colporteurs de l'Oisans au XIXe siècle*, mapeou as redes de solidariedade na imigração sazonal rumo ao Oriente (Fontaine, 1984). Porém, se Fontaine aparece referenciado na bibliografia do autor, chama atenção a ausência de autores franceses da História do Livro e da Leitura, como Roger Chartier e Jean-Yves Mollier (obras como Chartier, 1984; Mollier, 2010).

Por fim, gostaríamos de elencar algumas questões que a leitura do livro despertou e que podem ser caminhos para novas pesquisas. No fim do livro, o autor diz que a livraria de Martin, herdada por Bompard, acabou sendo vendida para Evaristo da Veiga, em 1828. Além disso, são indicadas relações entre Bompard e Plancher, ainda que o autor não se demore nessa relação. A partir disso, percebemos que havia uma rede de contatos entre os comerciantes de livros instalados na Corte. Essa rede não foi tão estudada pela historiografia e merece investigação verticalizada. Figuras como Veiga e Martin, Veiga e Plancher, Bompard e Veiga, atuaram em um ramo que foi bem definido por



Morel como “comércio político da cultura” (Morel, 2016, p. 22), através da qual a relação entre livreiros e tipógrafos poderia fornecer elementos centrais para entender a circulação de ideias, bem como o funcionamento da imprensa, dos acordos políticos, dos rumos dos negócios impressos etc.

Também é oportuno investigar como o livro forneceu, no período, um caminho “capaz de transformar pessoas extremamente pobres em comerciantes estabelecidos, até mesmo em negociantes ou em cavalheiros da indústria” (Mollier, 2014, p. 83). Mollier apontou para o fato de a profissão do livro ter se tornado um meio de alcançar posições sociais mais elevadas, usando de exemplo a trajetória dos irmãos Garnier. Mas não há exemplo melhor desse tipo de trajetória de ascensão do que aquelas dos habitantes de Briançon, permitindo-nos entender claramente a centralidade das redes de solidariedade, dos vínculos familiares e da criação de corporações no caminho para essa ascensão. Apesar de discutir redes e vínculos familiares, faltou ao livro uma investigação pormenorizada das relações financeiras entre quem tinha e quem precisava de capital, tratando de heranças, contratos matrimoniais, dotes e empréstimos.

Mollier também ilumina a questão da literatura industrial, que foi mais bem recebida por esses livreiros que ascenderam socialmente, em detrimento dos editores provenientes dos grupos dos homens de letras. Para o autor, os livreiros que ascenderam tinham o dinheiro como prioridade em relação às belas letras. Tal questão pode ser trabalhada a partir do catálogo deixado por Jean-Baptiste Bompard, que somava 4.300 obras em 1825, ao passo que a livraria de Plancher não somava, em 1827, mais do que 317 obras. Como pontua o autor, “esse catálogo fornece, hoje, uma informação excepcional sobre o que era, na época, o acervo de uma livraria do Rio de Janeiro” (Bompard, 2021, p. 192), constituindo uma peça central para investigar o comércio da “literatura industrial” nos anos 1820.

Ainda uma última questão emerge do livro: a circulação de livros pelo oceano. Os vapores foram centrais para a circulação de livros e livreiros, mas a primeira viagem oceânica de um vapor só ocorreu em 1838 (Boscq, 2014, p. 46). Antes disso, eram os veleiros a levar cargas e pessoas entre os países. Os primeiros livreiros franceses chegaram ao Brasil, segundo Bompard, no final do século XVIII, vivendo, portanto, a maior parte do tempo circulando por meio das velas. A circulação de livros e de livreiros pelo Atlântico não foi estudada a fundo no livro, ainda que a vejamos acontecer com frequência. Além das remessas de livros, circulavam também correspondências que iam do Rio à



Briançon, imprescindíveis para a manutenção dos negócios. Nesse sentido, importa questionar: como se dava, afinal, tal circulação?

Diante de tudo que foi exposto, *Livreiros do Novo Mundo* se apresenta como um trabalho instigante, demarcado pelos limites expostos. Se, por um lado, fica preso a uma narrativa investigativa, uma síntese panorâmica, por outro, a obra abre portas para os mais diferentes estudos, a partir do amplo levantamento de fontes realizado.

Há, nesse livro, uma série de veredas a serem perseguidas, algumas das quais procuramos apresentar. O livro é atual e está afinado com duas questões pulsantes do nosso tempo. Em primeiro lugar, com o tema das redes transnacionais, uma vez que a historiografia tem se voltado cada dia mais para esse tema. O autor, por isso, conseguiu apresentar um bom exemplo de como realizar esse tipo de trabalho a partir dos arquivos. Em segundo lugar, o livro também está em consonância com a efervescência de trabalhos ligados ao bicentenário da independência. Isto é, a obra de Bompard, publicada há pouco, contribui com as discussões que vem sendo realizadas sobre os anos 1820, inserindo, nesse cenário, novos sujeitos, centrais na difusão dos princípios constitucionais que regeram o nosso ordenamento, construído, em grande medida, pelos meios impressos, instalados e desenvolvidos ao longo do oitocentos.

### Referências

BOMPARD, Jean-Jacques. *Livreiros do Novo Mundo: de Briançon ao Rio de Janeiro*. Campinas: Editoras UNICAMP: Unesp; São Paulo: USP, 2021.

BOSCO, Marie-Claire. A França e os intercâmbios transatlânticos no século XIX. In: ABREU, Marcia; DEACTO, Marisa Midori. *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas: Setor de Publicações da UNICAMP, 2014. p. 43-54.

CHARTIER, Roger (org.). *Histoire de l'édition française: Le livre triomphant 1660-1830*. Paris: Promodis, 1984. v. 2.

FONTAINE, Laurence. *Le voyage et la mémoire, colporteurs de l'Oisans au XIXe siècle*. Lyon: Presses de l'Université de Lyon, 1984.

GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2016.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A Outra Independência: o federalismo pernambucano*



de 1817 e 1824. São Paulo: Editora 34, 2004.

MOLLIER, Jean-Yves. Sobre os itinerários dos profissionais do livro na Europa e no Brasil. In: ABREU, Marcia; DEACTO, Marisa Midori. *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas: Setor de Publicações da UNICAMP, 2014.

MOLLIER, Jean-Yves. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. São Paulo: EDUSP, 2010.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Paço Editorial, 2016.

MOREL, Marco. Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. (org.). *Livros e impressos: retratos do setecentos e do oitocentos*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2009. p. 153-184.

## Notas

<sup>1</sup>Unifesp.

<sup>2</sup>Conforme Rodrigo Godoi, em seu livro *Um Editor no Império*, “diferentes autores convergem ao afirmarem que foi na primeira metade do século XIX, por volta de 1830, que apareceu o editor enquanto empreendedor do mercado de bens culturais impressos”. Diante disso, o autor propõe que teria sido Francisco de Paula Brito o primeiro editor brasileiro (Cf. Godoi, 2016, p. 24-25).

<sup>3</sup>Destacamos, por exemplo, a Confederação do Equador, de 1824, que reunia alguns dos egressos da Revolução de 1817, se valendo do vocabulário político deixado pelo movimento (Cf. Mello, 2004).

<sup>4</sup>Expressão de Lucia Bastos na apresentação da obra.

<sup>5</sup>O capítulo um do livro de Marco Morel apresenta Pierre Plancher, bonapartista que chegou ao Brasil, fugido da França, em 1824, com sua imensa coleção de livros. Morel mapeou essa coleção, fazendo uma análise do que chamou de “comércio político da cultura” (Cf. Morel, 2016).